- Academia Acreana de Letras -



Antologia comemorativa

dos 83 anos de fundação

AAL
ACADEMIA ACREANA DE LETRAS

Rio Branco - Acre
Novembro, 2020

Digitalizado com CamScanner

Todos os direitos desta edição pertencem a Academia Acreana de Letras. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia da Presidência da AAL pelo *e-mail:* ***lessaluisa@yahoo.com.br***

Organizadora da obra
Luisa Galvão Lessa Karlberg

Editor Geral,
Diagramação e Capa
Eduardo de Araújo Carneiro



L649a Letras, Academia Acreana de.
Antologia comemorativa dos 83 anos de fundação: Academia Acreana de Letras./ Luisa Galvão Lessa Karlberg (Org.) – 1ª ed. – Rio Branco: EAC Editor; 2020, p. 290. 14,8 x 21cm.

ISBN 978-65-00-09340-7

1. Literatura; 2. Língua; 3. Poesia; 4. Prosa; 5. Antologia. I. Título

CDU 82-8

www.eaceditor.blogspot.com
eac.editor@gmail.com

Digitalizado com CamScanner

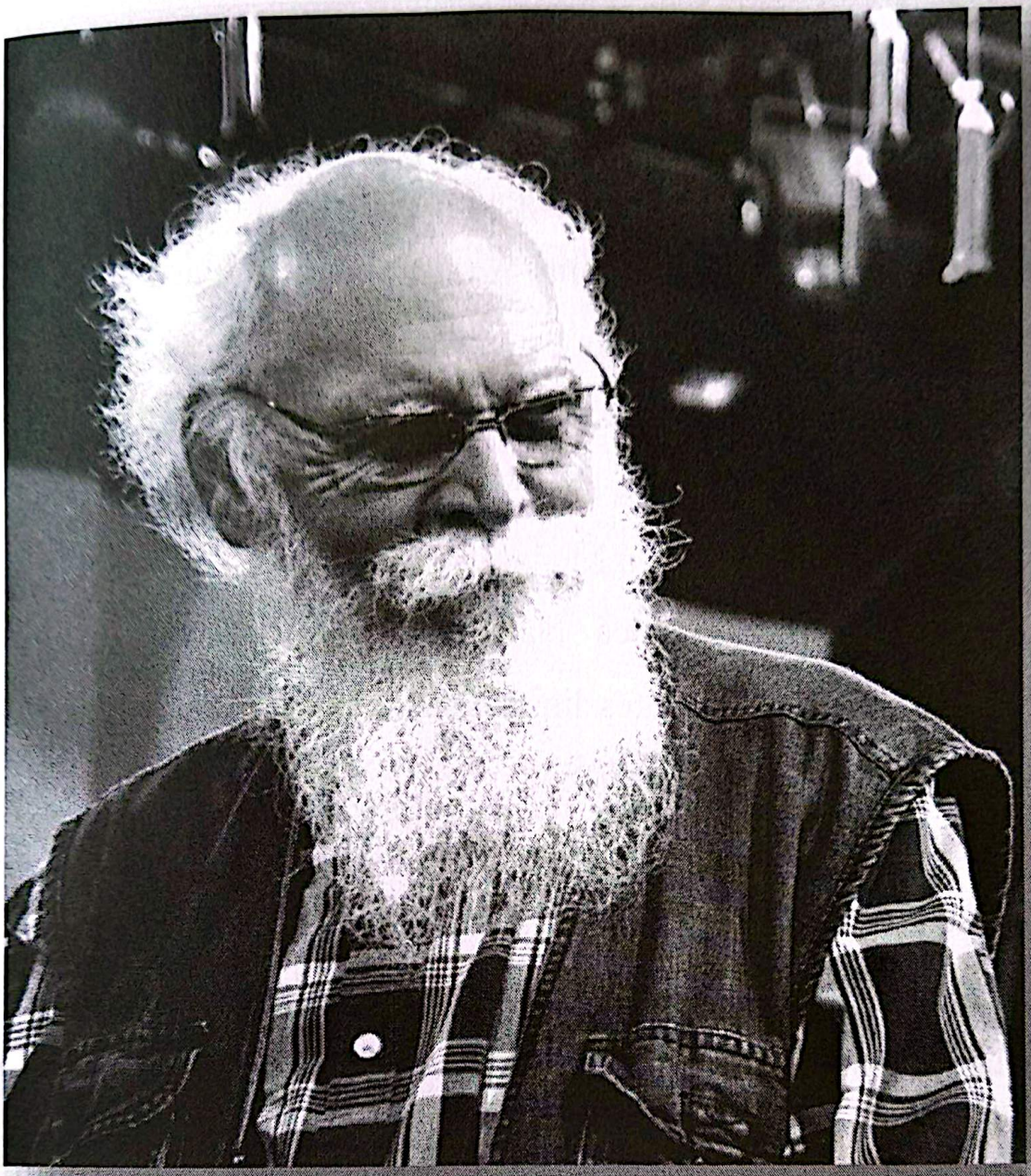
ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 09

PARTE 1: TEXTOS EM PROSA 18

Luisa Galvão Lessa Karlverg 19
Renã Corrêa Pontes 27
Jorge Araken Faria da Silva 35
Olinda Batista Assmar 45
Claudemir Mesquita 53
Maria da Glória Oliveira 63
Clara Elizabeth Simão Bader 71
Maria José Bezerra 80
Edson Ferreira de Carvalho 90
Alvaro Sobralino de Albuquerque Neto 101
Francisco Gregório da Silva Filho 115
Fátima Cordeiro 122
Nilda Dantas Pires 131
Maria Cecília Ugalde 142
Rosana Cavalcante dos Santos 147
Geraldo Freire Brasil 158
Elizeu da Costa Melo 165
Eduardo de Araújo Carneiro 173
Margarete Edul Prado 181

Digitalizado com CamScanner



Acadêmico Francisco Gregório da Silva Filho

- Imortal Emérito da AAL (Quadro de Honra) -

Digitalizado com CamScanner

Acadêmico Francisco Gregório da Silva Filho



É contador de histórias e escritor. Desenvolve oficinas de formação de contadores de histórias há mais de 40 anos no Rio de Janeiro e em outras cidades do país. Publicou livros de histórias para leitores infanto-juvenis e para adultos; também escreve artigos para jornais e revistas sobre práticas leitoras e a ação de contar histórias. Foi o primeiro coordenador do Proler/Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, entre 1992 e 1996. Em 2006 recebeu a Medalha da Ordem do Mérito do Livro conferida pela Biblioteca Nacional. Gestor de programas e projetos com as diferentes linguagens artísticas e a formação de leitores. Nasceu em Rio Branco, no Acre, onde foi Diretor do Departamento de Cultura, Diretor da Rádio Difusora, Presidente da Fundação Cultural do Estado de 1987 a 1990 e de 05/2004 a 01/2006.Alguns de seus livros: Dona baratinha e outras histórias, pela Rocco; Lembranças amorosas, pela Global; Ler e contar, contar e ler, pela Letra Capital e Guardados do Coração – avô + avó = A voz, pela Semente Editorial. Patrono da Cadeira 21 da Academia Brasileira de Contadores de Histórias e Membro da Academia Acreana de Letras.

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA DO SAL

Francisco Gregório da Silva Filho –
Emérito do Quadro de Honra da AAL

Areia Branca, Rio Grande do Norte, região de salinas. Grande produtora de sal. Largos pátios cheios de grãos cristalinos retirados das águas do mar. Sal grosso, sal refinado. Das águas com iodo. Indústrias que processam esse sal comercializam por todo o Brasil e exportam para outros países.

Muitas mulheres e muitos homens trabalham nos processos de extração e refinamento do sal. Outros empregam suas forças e energias na distribuição e venda do produto. Nessa região da costa atlântica, muitas famílias dependem da industrialização e do comércio dessa mercadoria.

O mar, em sua generosidade, e o sol, com sua luz, ajudam os homens a temperarem seus pratos, a salgarem suas comidas, a se nutrirem.

Uma imensidão de pátios agrupando os grãozinhos, que brilham sob o sol escaldante, pode ser vista pelos olhos que visitam a região.

Também os trabalhadores expõem suas vistas a esses espelhos cintilantes no manuseio dos equipamentos exigidos para a realização do processamento desse elemento tão fundamental tanto para a alimentação, quanto para a degustação.

Expondo seus olhos à claridade excessiva desses ambientes por longo tempo, mulheres e homens salineiros acabam por comprometer sua visão. Muitos chegam a experimentar cegueira temporária; outros tantos acabam literalmente cegos. Alguns desses operários sofrem profundamente na tentativa de recuperar a visão.

Uma boniteza é saber dos esforços e ações desenvolvidas pelo movimento dos salineiros por meio de sua organização política: seus sindicatos são atuantes em relação as suas

Digitalizado com CamScanner

reivindicações e lutas por direitos e amparo. Grandes embates acontecem nas negociações desses direitos com as organizações que representam os patrões, e às vezes algumas conquistas são asseguradas aos trabalhadores.

Pois bem, fui encontrar um tio-avô meu cumprindo um mandato na presidência de uma dessas entidades representativas dos trabalhadores salineiros, lá em Areia Branca. Um tio-avô cego. Fui visitá-lo no sindicato. Fiquei contente em vê-lo e saber de sua atuação junto aos companheiros no encaminhamento das lutas de interesse da categoria e ainda na realização de atividades socioculturais, envolvendo familiares dos salineiros.

Conheci uma dessas atividades, que muito me entusiasmou: um programa de promoção de leitura. Em uma das salas do prédio do sindicato, organizaram uma biblioteca pequena, com apenas 10 estantes, contendo publicações de editoras brasileiras. Livros de literatura em língua portuguesa. Autores brasileiros, portugueses e africanos. Aproximadamente 3.000 exemplares. Familiares dinamizavam esse acervo, desenvolvendo diversas práticas leitoras.

Em outra sala, por iniciativa de meu tio-avô, mais 10 estantes foram instaladas, e o sindicato comprou 3.000 cadernos – uns com pauta, outros sem –, que foram arrumados nas prateleiras das estantes, e ainda uma mesa grande com 10 cadeiras. Pronto o espaço, dispuseram sobre a mesa canecas cheias de lápis, borrachas, apontadores e canetas esferográficas. E mais: anunciaram que cada trabalhador e seus familiares teriam direito a um caderno de cada tipo para que pudessem escrever suas histórias com, caligrafias e desenhos próprios. Lá mesmo na sala, ou retirando o caderno e levando para casa ou para o trabalho, a ideia era incentivá-los a, nos momentos que desejassem e nas oportunidades de intervalo do trabalho, registrarem suas lembranças, seus causos, suas experiências de vida e de operários do sal.

Pois muitos cadernos foram preenchidos com letras, palavras, textos que traziam passagens de vida em família e de vivências com os companheiros no trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Os cadernos com essas escritas – essas escrituras – constituem uma biblioteca das mais ricas e inusitadas que eu já encontrei por esse Brasil. Estão lá, e as vidas dessas pessoas também, em suas incompletudes, idiossincrasias, diabruras e virtudes. Todos juntos podem construir melhor esse mundo e transformá-lo a partir dessas imbricações contidas nos textos, do real e do ficcional, tecidos e emaranhados um no outro; ou melhor, um com o outro.

BIBLIOTECA VIVA

Francisco Gregório da Silva Filho –
Emérito do Quadro de Honra da AAL

Durante minha visita ao sindicato dos salineiros, deixei escrito em um dos cadernos uma história e minha impressão sobre essa ideia. Enquanto eu escrevia, um menino de uns 11 anos de idade, sentado em outra cadeira, também escrevia em um dos cadernos da Biblioteca. Registrava, com um texto seu, a travessia da sua avó para outro mundo, nas últimas páginas do mesmo caderno onde se lia a história de vida da avó expressa por ela mesma. Ali, a caligrafia que reunia palavras narrava às peripécias de uma mulher trabalhadora do sal em suas dores e alegrias. Suas vitórias.

O menino, o neto, também deu início aos escritos em um novo caderno, do qual, depois, por curiosidade, fui ler a primeira página. Está lá, logo na primeira linha: "Quando eu crescer, quero trabalhar com o sal e participar do Sindicato."

Digitalizado com CamScanner

UM NARRADOR, EU SOU

Francisco Gregório da Silva Filho –
Emérito do Quadro de Honra da AAL

Sou acreano, nasci no final da década de 1940, em Rio Branco. Fui agraciado, na primeira infância, pela presença de meus avós contadores de histórias. Então, desde muito cedo ouvia lendas, fábulas e contos de fadas. Minha avó Kaxinawá narrava os mitos de seu povo e muitos causos tinham como personagens os animais da floresta. Meu avô era solene, e preferia os contos de encantamento.

Aprendi a ler a partir da escuta das vozes desses amorosos narradores. Claro, falo de leitura de mundo. Assim, a oralidade foi a responsável pelo início do meu processo de alfabetização. Também conheci as operações matemáticas – soma, subtração, multiplicação e divisão ouvindo histórias, só que estas contadas por meu pai a partir dos livros de Malba Tahan. Já de minha mãe recebi meu primeiro livro que exerceu em mim uma ação transformadora – Contos da Carochinha, de Alberto Figueiredo Pimentel, que teve sua primeira edição em 1894, pela editora Garnier. Há notícias de que este foi o primeiro livro publicado no Brasil destinado aos jovens leitores, pois ali se reuniam algumas histórias contadas e recontadas em muitos grupos e comunidades.

Digitalizado com CamScanner

Pois bem, logo descobri que era daquele livro que meu avô retirava as histórias que contava para todos nós, crianças e adultos. Assim passei a ler aqueles textos sob a sonoridade da voz de meu avô. As inflexões, as pausas, o ritmo, enfim, todo o colorido que se tem a partir de uma leitura em voz alta. Eu subia numa mangueira e, encarapitado em um galho de forma bem confortável, repetia as palavras que ouvira na sua voz, compreendendo por fim a imagem daquilo que estava escrito no livro.

Foi assim que entrei no universo letrado, decorando a grafia das palavras contidas nas histórias do livro da carochinha com o apoio melódico da voz de meu avô. E até hoje meu exercício de ler obedece a essa prática do registro de meus olhos sobre as palavras acompanhado de um som, no caso, a minha própria voz.

Considero que daí tenha surgido esse meu interesse e mesmo vocação para contar e/ou ler em voz alta as boas histórias de origem popular. Tornei-me um narrador, e em meu repertório estão guardados os mitos das culturas indígenas do Brasil, além dos contos populares trazidos pelos povos que contribuíram para formar nossa cultura – africanos, europeus, árabes e asiáticos.

Vocês querem que eu conte aqui uma história?

Jabuti sabe ler
Não sabe escrever
Trepa no pau
E não sabe descer
Ler, ler, ler e escrever...

Digitalizado com CamScanner